

Estimativas apontam que 22 casos de cancro terão ficado por detectar

Doze mil rastreios ao cancro ficaram por realizar nos Açores devido à pandemia

A pandemia de Covid-19 fez com que 12 mil pessoas não realizassem rastreios ao cancro nos Açores em 2020, o que poderá traduzir-se em 22 cancros não diagnosticados, numa estimativa avançada pelo Presidente do Centro de Oncologia dos Açores. Ao Diário dos Açores, no âmbito do Dia Mundial da Luta Contra o Cancro que hoje se assinala, Raul Rego faz o ponto da situação dos quatro programas de rastreio implementados na Região, alertando que, nos Açores, surgem em média 1070 novos casos de cancro por ano. Os que apresentam maior incidência são os cancros dos brônquios, traqueia e pulmão, seguidos do cancro da mama feminina. O terceiro da lista é o da próstata, seguindo-se o cancro do cólon e recto e em quinto o do estômago. Raul Rego alerta para a necessidade de mudança de hábitos, especialmente no que toca ao consumo de tabaco, que considera mesmo uma pandemia mais grave do que a Covid-19.

POR ALEXANDRA NARCISO

Os quatro programas de rastreio ao cancro organizados nos Açores sofreram com a pandemia de covid-19 e, no último ano, ficaram por realizar 12 mil rastreios. O mais afectado foi o do cancro do cólon e recto, seguido do cólo do útero. Mas ainda assim, foram rastreados 23 mil açorianos, avança ao Diário dos Açores o presidente do Centro de Oncologia dos Açores.

“Tínhamos programado para 2020, antes da pandemia, a execução de 35 mil rastreios. Conseguimos executar cerca de 23 mil e ficaram por executar cerca de 12 mil”, revela Raul Rego, no âmbito do Dia Mundial da Luta Contra o Cancro que hoje se assinala.

O responsável conta como a pandemia teve um “impacto significativo” no programas: “O período de três meses em que os programas estiveram totalmente parados, Março, Abril e Maio – altura que coincidiu com a eclosão da pandemia –, e depois nos restantes meses até final do ano, naturalmente que os rastreios foram condicionados, face à importância das medidas cautelares”. Segundo frisa, estas medidas implicaram “uma redução da produtividade dos rastreios, quer nos processos de convocatória, quer nos processos de gestão em sala, quer nos processos de execução dos testes de referência, e houve um conjunto de procedimentos no modelo operacional que teve de ser alterado”.

Os programas que “sobreviveram” melhor à pandemia foram o ROCMA (Rastreio Organizado ao Cancro da Mama nos Açores), em que ficaram “apenas” por executar 1700 rastreios, e o PICCOA (Programa de Intervenção no Cancro da Cavidade Oral nos Açores), no qual ficaram apenas por realizar 851 rastreios.

Já nos outros dois programas, o Rastreio Organizado de Cancro do Cólon e Recto nos Açores (ROCCRA) e o Rastreio Organizado do Cancro do Colo do Útero Açores (ROCCA), “houve mais problemas”.



Raul Rego, Presidente do Centro de Oncologia dos Açores

22 cancros terão ficado por diagnosticar

Raul Rego avança que, segundo as “estimativas sustentadas tecnicamente, que têm por base os indicadores consistentes históricos dos programas de rastreio”, estes 12 mil rastreios que não foram realizados resultam em “menos 22 cancros nos Açores devido à pandemia”.

O objectivo do Centro de Oncologia passa por avançar o mais rapidamente possível com os rastreios para detectar atempadamente os casos.

“Neste primeiro semestre de 2021 estamos a tentar fazer todos os esforços no sentido de rastrear este uni-

verso populacional, pelo que, se considerarmos que estes casos de cancro estarão, na sua esmagadora maioria, em fase precoce da doença, virão agora a ser detectados”, assegura.

E como é que sabemos que estão em fase precoce? Raul Rego explica que “muitas destas 12 mil pessoas já são rastreadas pela segunda ou terceira vez, o que significa que a probabilidade de encontrar um cancro é mais reduzida e, por outro lado, se for encontrado, será em fase precoce, nomeadamente no cancro da mama, do intestino e também no cancro do colo do útero, que são cancros que têm um período de gestação prolongada. Isto minimiza um pouco a gravidade da si-

tução”, aponta.

Quanto à execução dos programas neste ano de 2021, as perspectivas são melhores, “pese embora esta conjuntura sanitária ainda estar longe de chegar à normalidade”.

Rastreios do cancro da mama e da cavidade oral com boa execução

No que diz respeito ao cancro da mama, “estamos a velocidade cruzado”, refere o responsável. “Tivemos de alargar consideravelmente horários, rever procedimentos. Inclusive nos processos de convocatória existem muitas senhoras que encaram por excesso as cautelas sanitárias e não vão ao rastreio, pelo que tivemos que adoptar formas mais personalizadas de convocatória, através de telefonemas. Os contactos telefónicos são sempre muito trabalhosos, mas deram frutos, porque a taxa de participação populacional ficou acima dos 70% e isso foi excelente”, aponta.

De salientar que o rastreio ao cancro da mama já se realiza nos Açores desde 2009.

No programa do rastreio ao cancro da cavidade oral, Raul Rego salienta que “também foi excelente”. “Apenas ficaram por rastrear 800 pessoas e há que destacar o trabalho dos médicos dentistas. O exame de referência neste programa é feito por estes profissionais, através de uma consulta de visualização directa da cavidade oral, o que, no actual contexto, é de alto risco. Mas mesmo assim, foi notável o trabalho dos médicos dentistas que, embora parados durante três meses, fizeram com que a média de rastreios fosse superior a todos os anos anteriores do programa”, refere o responsável ao Diário dos Açores.

Colo do útero: 4600 rastreios por fazer devido a mudança no programa

Em sentido inverso decorreu o ROCCA. Não foi realizado qualquer rastreio, uma situação que se deveu